

Nacionalismo criticado pelo Papa – Por Onofre Varela

written by Onofre Varela | 1 de Junho, 2025

OCIDADAO



Onofre Varela

O sentimento nacionalista é uma faca de dois gumes. Se, por um lado, com ele se pode demonstrar o “amor” (talvez melhor dito) o “interesse”, do cidadão pela terra que é sua, pelo país que é seu, enaltecendo-o por razões perfeitamente válidas que têm a ver com a história familiar que faz o lugar onde nasceu, cujo lugar também acabou por o moldar numa simbiose natural difícil de igualar... é um sentimento poderoso, verdadeiro e, podemos dizer, mesmo... saudável (se for bem tomado).

Porém, há outro sentimento nacionalista que deve ser evitado... é aquele que acaba por inquinhar mentes defeituosas, divorciadas de qualquer sentimento de fraternidade e saber, quando o nacionalismo propalado por tal defesa não passa do “*egoísmo nacionalista patriótico*”, apodrecido, mal cheiroso na sua vertente mais estúpida, sacana e doentia, configurando a

ideia extremista de que *“esta terra é minha e de mais ninguém”*. É uma ideia egocentrista a evitar por qualquer pessoa de bem. Aliás, nem ideia será... é uma *“ideiinha”* só possível a quem não tem ideias!

A *“minha terra”* é, em termos geológicos e universalistas, a terra de toda a gente. Todos nós nascemos no mesmo planeta que é a nossa verdadeira terra, independentemente do local que pisemos. Podemos defender o valor afectivo que nutrimos pelo *“nosso torrão”*, pela *“nossa rua”*, mas sem esquecermos que *“a rua dos outros”* é tão importante quanto a nossa que pode ser calcorreada e habitada por quem nasceu noutras ruas... noutros torrões. (Aqui podemos abordar costumes étnicos *“dos outros”*, que são representativos *“da rua deles”*. Valores que nós também temos, embora sejam diversos dos seus. Esta diversidade faz a riqueza étnica da origem de cada um de nós. Mas esta consideração já merece um outro texto para além deste).

A condenação deste egoísmo patriótico esteve bem presente nas palavras do novo Papa, em notícia divulgada pela imprensa um mês após ter sido eleito. Leão XIV, na homilia da missa que celebrou no dia 8 de Junho, criticou o surgimento de movimentos políticos nacionalistas, classificando-os como lamentáveis, sem mencionar especificamente qualquer país ou líder nacional. Esta sua intervenção foi noticiada pelo jornal Público na edição do dia seguinte.

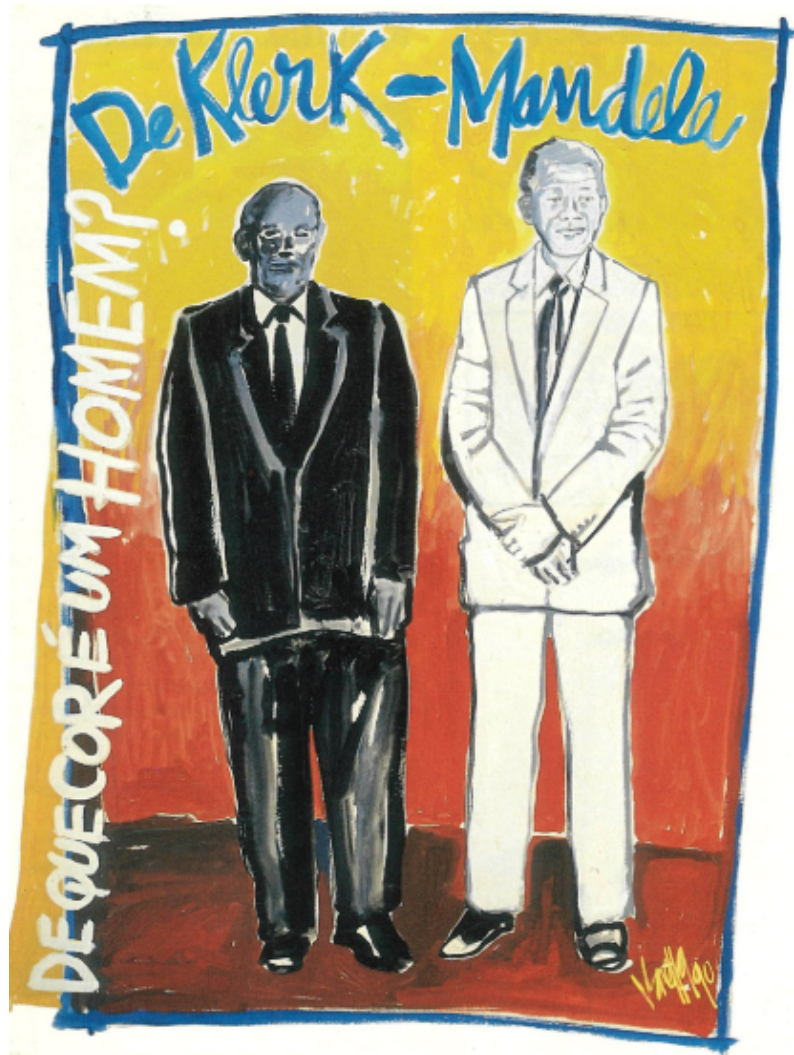
O Papa pediu ***“que Deus abra fronteiras, derrube muros e dissipe o ódio”*** seguindo pergaminhos de Francisco, o que aponta para que a sua intervenção política e social perante o mundo de crentes e não crentes, será muito idêntica à do seu antecessor, o que é uma boa notícia, se não para todos os católicos (os mais fundamentalistas [nacionalistas] não concordarão com ele), sê-la-à para todos os religiosos e ateus *“de boa vontade”*.

Este seu pedido foi feito perante uma multidão de dezenas de milhar de pessoas na Praça de S. Pedro, no Vaticano. **«Não há**

lugar para o preconceito, para “zonas de segurança” que nos separem dos nossos vizinhos, para a mentalidade da exclusão que, infelizmente, vemos agora emergir também nos nacionalismos políticos», disse o pontífice.

Antes de se tornar Papa, Robert Prevost, enquanto cardeal, não hesitou em criticar o presidente dos EUA, Donald Trump e o vice-presidente J. D. Vance na rede social nos últimos anos. Francisco, que foi Papa durante 12 anos, era um crítico contundente de Trump e afirmou, em Janeiro, que o plano do presidente de deportar milhões de migrantes dos EUA durante o seu segundo mandato era uma ***“vergonha”***.

Francisco disse mesmo que Trump ***“não era cristão”*** por causa das suas opiniões sobre a imigração. ***“Uma pessoa que pensa apenas em construir muros, seja onde for, e não em construir pontes, não é cristã”***, disse Francisco quando questionado sobre Trump em 2016.



«De Que Cor é Um Homem? – De Klerk Preto e Mandela Branco» Desenho de 1990, quando o último presidente branco da África do Sul libertou Nelson Mandela.